FACULDADE Eficaz
BOLETIM

ACESSIBILIDADE EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA ESCOLA PARA ALUNOS COM POUCO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO EM LIBRAS PORTUGUÊS: UMA QUESTÃO EM DEBATE

FERNANDES, Sayonnara Kassandra Lima de A.

Resumo: O presente artigo discute as dificuldades enfrentadas pelos alunos Surdos devido à falta de acessibilidade linguística e suas implicações no processo de aquisição da linguagem ocorrida tardiamente elencando as abordagens de autores como: Chomsky, Gesser, Perlim e Oliveira que ao discutir as abordagens de Vygotsky sobre mediação simbólica e desenvolvimento da linguagem, contribui para embasar discussões sobre a importância da mediação dos profissionais intérpretes em sala de aula para auxiliar nas atividades escolares com base em estratégias voltadas às necessidades de alunos que possuem pouco conhecimento linguístico em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Língua Portuguesa. São debatidos métodos que possam facilitar a aprendizagem dos educandos sem que haja prejuízos ao seu entendimento. A temática evidencia que a surdez não é fator determinante para o não desenvolvimento cognitivo do aluno, destacando a importância da aprendizagem da Língua de Sinais e acesso a interpretação das aulas no intuito de propiciar aos alunos maior autonomia linguística e consciência social.

Palavras-chave: Acessibilidade Linguística. Surdos. Intérprete. LIBRAS.

Abstract: This article discusses the difficulties faced by deaf students due to lack of linguistic accessibility and implications in the process of language acquisition that occurred late. The importance of mediation of professional interpreters in the classroom will be approached to mediate school activities from strategies geared to the needs of students who have little linguistic knowledge in LIBRAS and Portuguese. Methods will be discussed that can facilitate students' learning without damage to their understanding. When discussing the topic we will seek to show that deafness is not a determining factor for the non-cognitive development of students highlighting the importance of learning of sign language and access to interpretation classes in order to provide students with greater linguistic autonomy and social consciousness.

Keywords: *Accessibility Language, Deaf Interpreter, LIBRAS.*

1. INTRODUÇÃO

Por muitos anos os surdos foram discriminados e mal compreendidos pela sociedade. Com a criação da lei 10.436/2002 que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como forma de comunicação e expressão utilizada pela comunidade Surda, o direito a acessibilidade linguística aos Surdos tornou-se obrigatória. Contudo, verifica-se que não há igualdade de direitos no que se refere ao acesso a meios de aprendizagem, sendo necessário discutir as dificuldades enfrentadas pelos Surdos no que diz respeito a acessibilidade linguística, bem como quais estratégias podem auxiliar na mediação durante as aulas e garantir ao aluno Surdo seu desenvolvimento escolar.

Alguns Surdos, por serem moradores de regiões interioranas em sua maioria desprivilegiadas de muitos serviços, possuem um vocabulário restrito e apresentam dificuldades na assimilação dos conteúdos estudados o que contribui para seu atraso escolar. Diante do exposto, iremos verificar e refletir como o acompanhamento do intérprete de Língua Brasileira de Sinais em sala poderá ajudar os alunos a vencerem suas dificuldades, encontrando significado nos conteúdos estudados, adaptando as aulas para garantir aos educandos o direito de aprender, compreender e ser compreendido, no intuito de desmistificar que os Surdos não capazes de aprender em virtude de sua deficiência auditiva.

2. COMPREENDER E SER COMPRRENDIDO

Quando o intérprete chega à sala de aula e se depara com um aluno Surdo imagina-se que ali tem uma pessoa que domina Língua de Sinais e está pronta para receber todas as informações que lhe forem dirigidas, mas em regiões de interior onde o acesso a escolas especializadas é precário, os alunos pouco sabem sobre essa Língua, comunicam-se através de gestos que estabelecem muitas vezes como forma mais fácil de comunicação com a família e amigos.

Ter o intérprete em sala não é garantia que a aula transcorrerá normalmente, assim como o conteúdo seja 100% assimilado pelo aluno. O Surdo utiliza-se do espaço visual para compreender os fenômenos, pensando nisso professor e intérprete devem buscar estratégias a fim de tornar a aprendizagem mais significativa. GESSER (2009) destaca que ao relacionar a fônica com a língua oral por não ser familiar ao Surdo é como mostrar símbolos abstratos sem nenhum significado.

O ideal seria que os alunos Surdos fossem educados numa perspectiva de ensino bilíngue, onde teria acesso aos conteúdos ministrados em sala de aula nas duas Línguas, sendo a Língua de Sinais e a Língua portuguesa em sua modalidade escrita. A educação bilíngue de Surdos no Brasil é prevista em Lei, O Decreto n° 5.626 de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, artigo 22, capítulo VI, determina:

> – Escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;
>
> II – Escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes de diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como a presença de tradutores e intérpretes de Libras – Língua Portuguesa." (Brasil, Decreto Nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005).

A proposta de educação bilíngue garante o direito do Surdo a ter acesso a conteúdo curriculares em sua Língua, promovendo a construção de sua identidade e ampliando sua visão de mundo. Sendo essa uma regra que não se aplica a realidade do município em questão, no que se refere a aquisição da Língua de Sinais podemos perceber que:

> O surdo pode desenvolver suas habilidades cognitivas e linguísticas (se não houver outro impedimento) ao lhe ser assegurado o uso da Língua de Sinais em todos os âmbitos sociais em que transita. Não é a surdez que compromete o desenvolvimento do surdo, e sim a falta de acesso a uma Língua. (GESSER, 2009, p. 76)

Acontece que muitos Surdos não possuem acesso a Língua de Sinais, aprendem tardiamente o que torna o processo de aprendizagem mais lento. Segundo Chomsky (2007), a criança precisa já estar preparada de algum modo para desenvolver a linguagem, contudo, a sua linguagem não pode ser apenas resultado da imitação dos adultos. Seu pensamento defende que as crianças possuem suas próprias regras de fala, uma espécie de gramática gerativa, onde cada indivíduo já nasce com a capacidade para desenvolver e criar frases estruturadas mesmo sem que nunca tenham visto antes, sendo essas regras aprimoradas por meio da convivência com os adultos.

Se crianças ouvintes podem aprimorar a fala e estabelecer estruturas linguísticas devido as relações sociais estabelecidas no cotidiano, é possível aos Surdos por terem a mesma capacidade desenvolver os sistemas linguísticos da Língua de Sinais mesmo que tardiamente. O uso dessa Língua é um elemento essencial para a comunicação e construção de sua identidade, dessa forma, o processo de aprendizagem não perpassa somente o ato de aprender a LIBRAS, mas também da construção do eu.

> [...] Há uma distância enorme entre o dizer e o fazer. Por tanto tempo se fala nas implicações positivas do uso da Língua de Sinais na escolarização do Surdo e, ainda assim, há resistências quanto a essa questão, ora por falta de espaços, oportunidades e apoio para os educadores ouvintes se aperfeiçoarem na sua proficiência linguística, ora por se perpetuarem visões preconceituosas sobre a Língua de Sinais e posturas paternalistas na relação com os Surdos. (GESSER, 2009 p.79)

A falta de profissionais capacitados, o pouco conhecimento da escola sobre a temática contribui significativamente para o retardamento do processo de aquisição da linguagem dos alunos. Sendo a Língua de Sinais essencial para a garantia da aquisição da leitura e escrita do português para as crianças surdas ao negar este direito negligenciaremos sua capacidade de

aprender, ao retardar este processo a criança sofrerá prejuízo e provavelmente se tornará um jovem sem pleno domínio linguístico.

Diante disso, sem o domínio na LIBRAS os Surdos desenvolvem um tipo de linguagem específica para se comunicarem com familiares e pessoas próximas, através dela percebem o mundo com base em símbolos e conceitos criados por eles mesmos, como uma espécie de código, tornado possível perceber os acontecimentos ao seu redor mesmo não dominando a Língua de Sinais.

> "É no significado que se encontra a unidade das duas funções básicas da linguagem [...] São os significados que vão propiciar a mediação simbólica entre indivíduo e o mundo real, constituindo-se no 'filtro' através do qual o indivíduo é capaz de compreender o mundo e agir sobre ele. (VYGOTSKY, 1989, apud OLIVEIRA, 1992, p. 81)

Contudo quando o aluno não vê significado naquilo que está sendo estudado, não consegue estabelecer associações do conteúdo das aulas com sua vivência em sociedade, passará por inúmeras dificuldades de aprendizagem e poderá se desestimular. Nesse contexto, observa-se a necessidade da mediação do profissional intérprete para tornar mais frutífero o ato de estudar.

> [...] os intérpretes de língua de sinais representam para os surdos a possibilidade de comunicação com a língua auditiva, de dizer nosso pensamento aos ouvintes que não nos conhecem, de contar histórias, de negociar com sujeitos que nem sempre ousam se aproximar temendo a dificuldade na comunicação. (PERLIN, 1998, p.10)

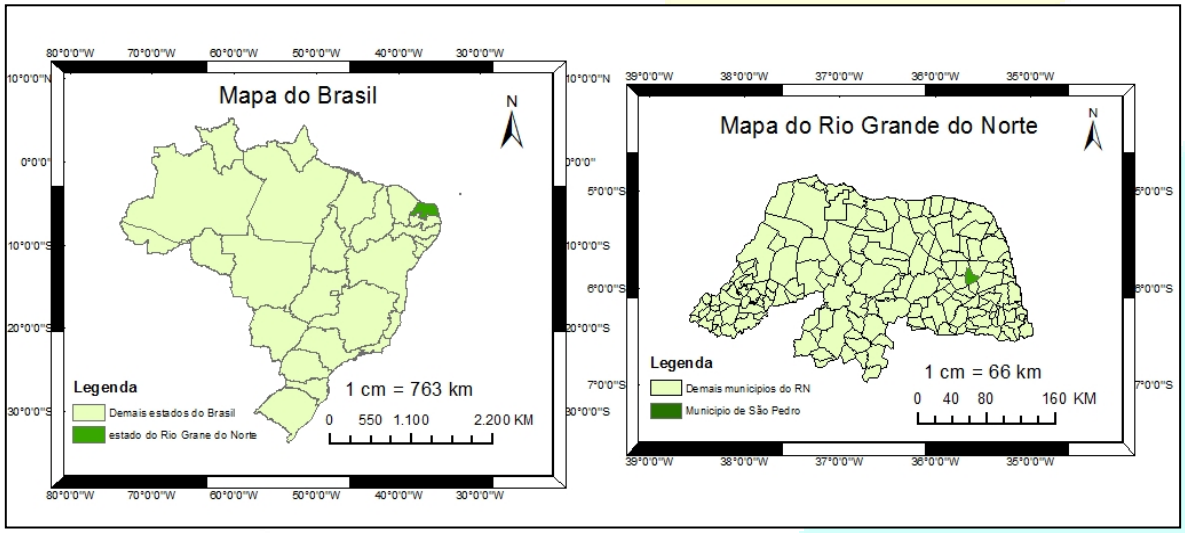
Durante a prática da interpretação por vezes é necessário o uso de metodologias e materiais para que o aluno entenda o que está sendo exposto e consiga expressar seus pensamentos e ideias. La Taille (1992), ao discutir o pensamento de Piaget destaca que o indivíduo ao se tornar um "ser social" consegue se relacionar com iguais de forma equilibrada e autônoma sendo capaz de se situar consciente e competentemente nos diversos pontos de vista e conflitos presentes numa sociedade. Percebe-se a importância dessa mediação para a promoção da emancipação do aluno Surdo. Ao ser acompanhado pelo intérprete, mesmo que este no primeiro momento precise utilizar mímica, gestos e imagens, poderá contribuir significativamente para aprendizagem do aluno, pois será possível inserir gradativamente elementos linguísticos que são próprios da Língua de Sinais no anseio que o aluno possa desenvolver a linguagem em sua própria Língua.

Com a aplicação desse método, espera-se que a mensagem do professor possa ser entendida e repassada de forma equivalente para que não se perca o sentido nem comprometa o desenvolvimento do aluno. Promover a acessibilidade em sala de aula é propiciar ao aluno Surdo a igualdade de acesso às informações, contribuindo para sua autonomia enquanto cidadão.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com base em obras que discutem o Ser Surdo, suas dificuldades e perspectivas, também foram utilizadas obras de pensadores das áreas de educação e educação inclusiva, observação de caso in locu, buscando fazer uma discussão com base nas análises feitas a partir da junção da teoria com a realidade. Em campo, foram analisados quais métodos são utilizados para desenvolver a prática de interpretação de Libras. Os alunos em questão estudam em uma escola pública no centro do município de São Pedro/RN, localizado pela figura 01.

Figura 1: Mapa do Brasil e do Rio Grande do Norte – Em destaque o Município de São Pedro



Produção Cartográfica: Luan Medeiros

A sala de aula é ambiente de aprendizagem, troca de ideias e construção de saberes. Quando não se tem acessibilidade não é possível promover uma educação igualitária. No ano vigente, quebrando uma realidade histórica, foi a primeira vez que a Escola estadual Professor Pedro Alexandrino ilustrada na Figura 02, recebeu um intérprete de Língua Brasileira de Sinais para compor o quadro de profissionais.



Figura 2: Entrada da Escola Estadual Professor Pedro Alexandrino.

A escola conta com dois alunos surdos, sendo um de 18 anos cursando o 8º ano do ensino fundamental e o outro de 19 cursando o 1º ano do ensino médio, ambos moradores de áreas rurais, com pouco conhecimento linguístico em LIBRAS e Língua Portuguesa.

Nesse caso, apesar de contar com o profissional específico para atuar junto ao aluno, foi possível verificar as dificuldades em garantir a acessibilidade. A coordenação, professores e intérprete reuniram-se para traçar metas em relação aos alunos em questão e aplicação de questionário de sondagem para verificar o nível de desenvolvimento estudantil dos alunos.

Ao ser aplicado questionários com perguntas simples sobre o cotidiano, como aprenderam a Língua de Sinais; onde aprendeu se sempre estudaram em escolas no município em que residem. Verificou-se que os mesmos não conseguiram responder devido não ter domínio em Língua portuguesa, não sabiam o significado de cada palavra, mesmo aquelas mais simples, porém sabiam escrever seu nome e de pessoas próximas. A partir disso, foi aplicada outra atividade exposta na figura 03 e 04, onde foram mostradas palavras aleatórias em LIBRAS e eles teriam que escrever seus respectivos nomes em português, mesmo conseguindo responder ao ser questionado sobre o que é cada um não souberam explicar. Apesar de saber copiar as letras e formar palavras os alunos não veem sentido no que estão copiando só conseguem se comunicar e entender através de gestos e expressões faciais.

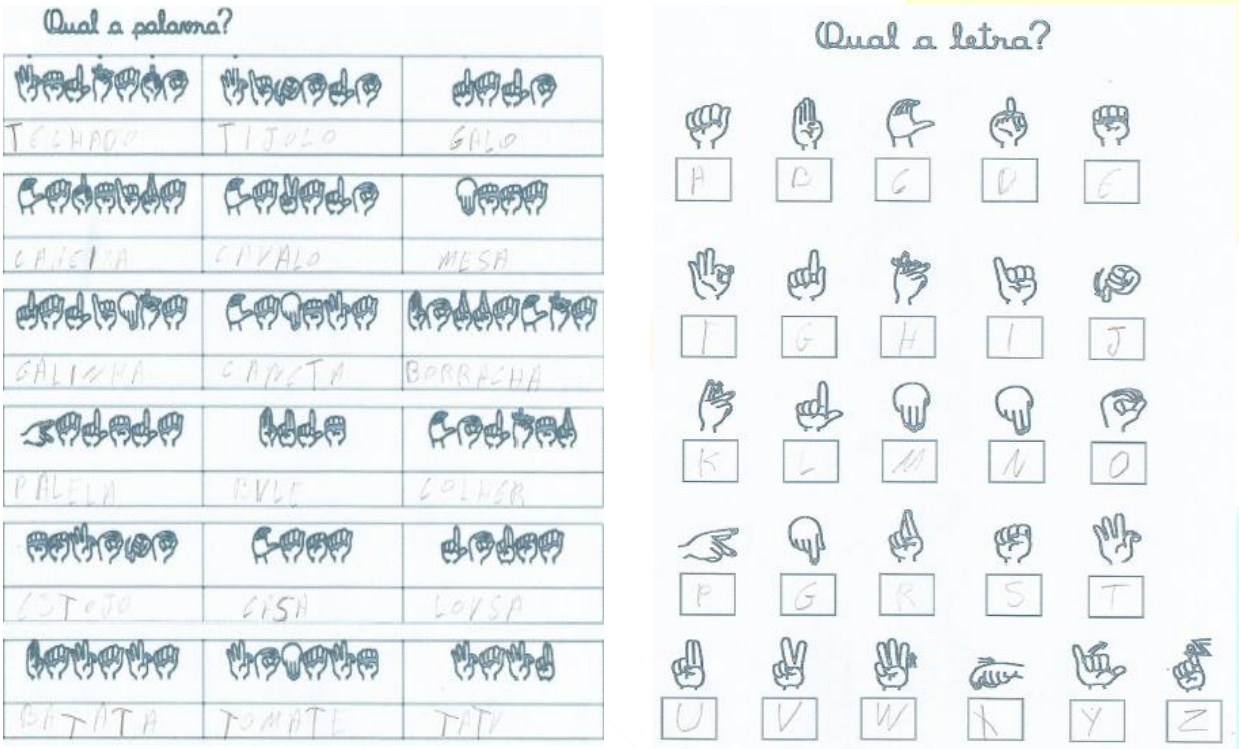


Figura 03 e 04: Atividade Diagnóstica

Ainda assim, foi feita uma observação para ver como se portavam em sala de aula, os alunos copiam os conteúdos expostos no quadro, mas na hora de responder a questões solicitadas pelos professores não conseguem. Precisam do auxílio do intérprete que através de mímica e gestos tenta intermediar muitas vezes atuando com alfabetizador devido às dificuldades dos alunos. No entanto, para que os alunos informassem sobre suas dificuldades foi necessário o uso de gestos em um diálogo mediado pelo intérprete.

Tendo em vista seu pouco conhecimento linguístico surgiu o desafio de como propiciar aos alunos o acesso aos conteúdos para que não fossem prejudicados e garantir a acessibilidade linguística. Foram estabelecidas estratégias com base em associações dos conteúdos com a realidade do aluno. Os recursos utilizados foram: o livro didático que por suas imagens torna mais fácil a compreensão, já que este tipo de linguagem visual é bem mais assimilada pelos Surdos, materiais adaptados em LIBRAS fazendo a transposição das palavras para sinais com o intuito de iniciar o processo de alfabetização em sua Língua mesmo que tardiamente, o celular foi utilizado como ferramenta de pesquisa e apoio para pesquisa de matérias em LIBRAS para serem aproveitados durante a aula com o intuito de facilitar a assimilação do conteúdo.

Com isso, percebe-se que os alunos desenvolvem maior interesse em aprender, pois verificaram que existem outras formas de perceber o mundo não se limitando somente a linguagem verbal, sentindo que agora está iniciando um processo de aprendizagem que o integrará ao seu ambiente de convívio cada vez mais, pois lhe está sendo garantindo o direito de utilizar sua Língua e ser respeitado enquanto cidadão, a escola ao tornar isso possível torna-se de fato inclusiva em consequência disso é notável o interesse dos alunos em aprender.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de aquisição da linguagem sendo feito tardiamente torna-se mais complicado, pois necessita de estratégias especificas para a dificuldade em ênfase. No caso de jovens alunos Surdos esse processo propicia um melhor entendimento das disciplinas cursadas em sala de aula. Ao concluir o trabalho foi possível perceber a importância da criação de estratégias norteadoras para prática de tradução/interpretação do português para a Língua de Sinais o que proporciona aos alunos Surdos maior assimilação do conteúdo, sendo possível assim identificar as dificuldades e percepções que o aluno possui sobre a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa. Nesse prisma, é salutar destacar a importância do planejamento conjunto, a aproximação entre professor, aluno e intérprete e o diálogo, são ferramentas essenciais para a construção da prática.

Verificou-se que o trabalho do intérprete de LIBRAS junto aos alunos Surdos é bastante relevante, pois proporciona aos alunos o direito a aprender e com isso desenvolver uma consciência crítica sobre os conteúdos por ele estudados para que percebam significado naquilo que aprendem. Sabe-se que ainda tem muito a ser conquistado em relação acessibilidade das pessoas com Surdez, escolas bilíngues e garantia de seus direitos. Contudo, se começar ao menos oferecendo o direito a acessibilidade linguística na escola, propiciar igualdade no processo de ensino aprendizagem sem que haja prejuízos ao seu desenvolvimento cognitivo já é um grande passo. Sendo assim, não há como não reconhecer a importância da a aquisição da LIBRAS enquanto Língua natural da comunidade Surda desde a infância o que irá proporcionar ao Surdo a construção de uma identidade aprimorando seu desenvolvimento cognitivo e expandindo sua visão de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e responsabilidade**. São Paulo: JSN Editora, 2007.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 87 p.

LATAILE, Yves de et al. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão/** Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. 25. ed. São Paulo: Summus, 1992. 117 p.

PERLIN, Gládis. **Histórias de vida surda: identidades em questão**. Porto Alegre: UFRGS, 1998. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 1998.

QUADROS, Ronice Müller de. **Idéias para ensinar português para alunos surdos** / Ronice Muller Quadros, Magali L. P. Schmiedt. – Brasília : MEC, SEESP, 2006. 120 p.

QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (organizadoras). **Estudos Surdos II** – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.